

O BANDOLEIRO

e outros contos

RODRIGO ALENCAR



Diagramação

Eva Sousa

Revisão

Rodrigo Alencar

Capa e ilustrações

Rodrigo Alencar

1ª edição – 2020

Impresso no Brasil

ISBN 978-65-00-10589-6

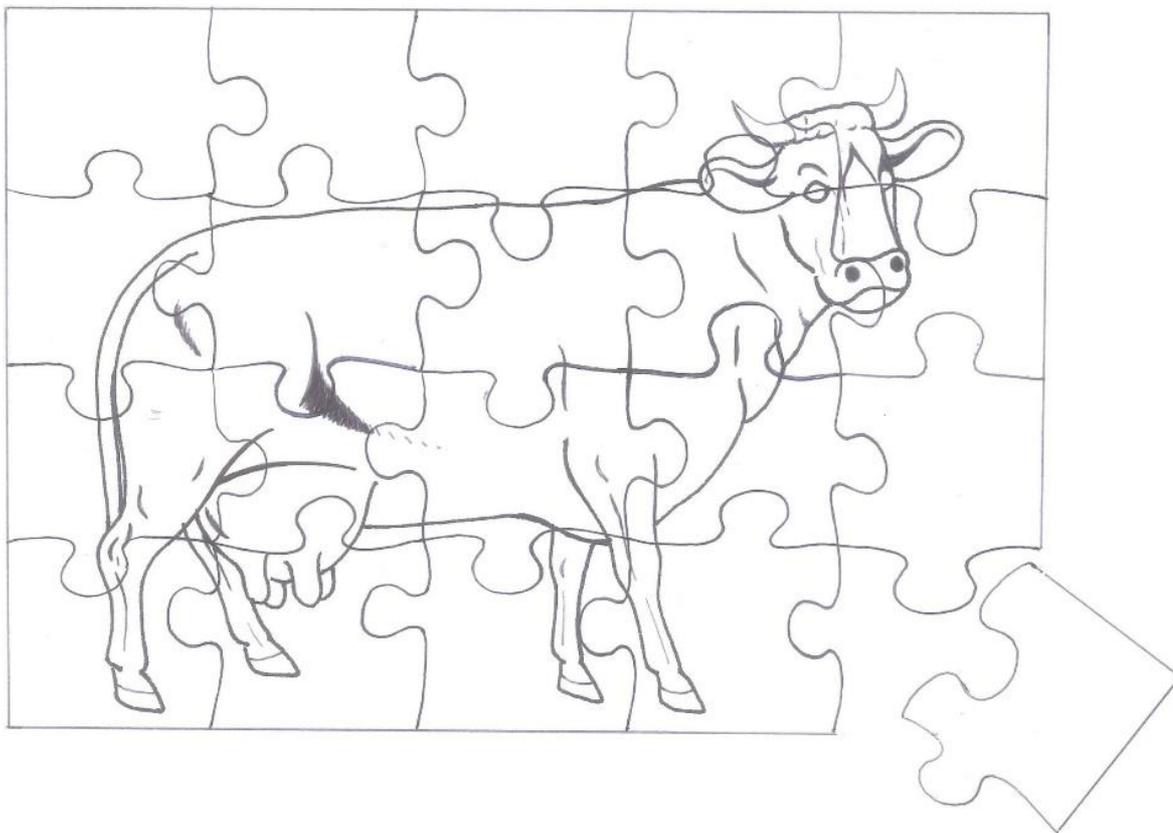
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia ou gravação) sem permissão escrita do autor. Todos os direitos reservados.

A meus irmãos, Karina e Paulo Henrique.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------|----|
| A vaca | 7 |
| Idália | 15 |
| O bandoleiro | 20 |
| O gato selvagem..... | 28 |
| Zeba, a amante..... | 33 |
| O alienígena | 45 |
| Linete, a devassa..... | 51 |
| Nádia..... | 59 |
| A mansão da floresta..... | 65 |
| Niobe..... | 72 |
| Metamorfose..... | 78 |
| Posfácio | 85 |

A vaca



Entardecia quando o caminhão parou na frente do casarão. De dentro da carreta saiu uma vaca, conduzida por um homenzinho pardo. Era uma vaca magra, ossuda, escanifrada. O mais estranho, porém, não era isso, mas o fato de ela vir parar ali, naquela rua, sem mais nem menos. Quem era o dono dela? Ou melhor, quem transportara um animal desses para a vila, um bicho que nascera para viver solto, no campo, não para a vida urbana?

A notícia logo se espalhou. Em menos de uma semana, já se falava do ser bovino que morava na Rua Quinze, no velho casarão desocupado. Ninguém sabia por que o animal estava ali nem quem era seu dono. Isso instigava os boatos e as conjecturas, por mais estranhos que fossem. Para uns, o antigo casarão seria transformado num mata-douro, e aquela vaca era só a primeira de outras tantas que iriam chegar em breve, despejadas por caminhões. Para outros, a vaca seria imolada e usada num rito macabro, ou nalgum despacho envolvendo gente rica, gente disposta a desembolsar uma grana preta para satisfazer seus caprichos e vontades.

Zeca Tião andava de um lado para o outro, irrequieto. Queria desvendar, custasse o que custasse, o mistério da vaca recém-chegada. Então passou a frequentar a padaria que ficava diante do casarão, na Rua Quinze. Chegava ali de manhã, pedia um café miúdo e pão com manteiga. Depois ficava espiando do balcão o sobrado velho, cujas paredes, descascadas, deixavam entrever o reboco. Certo dia, o padeiro disse-lhe que conhecera o dono da vaca. Um bom sujeito, garantiu ele. Reservado, mas bom sujeito.

- Ele costuma sair de casa? – perguntou Zeca Tião.

- É difícil. Eu só o vi na porta uma ou duas vezes.

- E a vaca?

- É um presente. Ele a ganhou de um amigo que vive no campo.

Depois o padeiro lhe disse que a vaca estava anêmica, e que seu dono não sabia o que fazer com ela. A intenção dele era chamar um veterinário, mas na vila não havia nenhum. Então Zeca Tião, arditosamente, teve um plano. Disse ao padeiro que conhecia um veterinário, embora mentisse, e pediu-lhe que o apresentasse ao dono da vaca. O outro assentiu e, de noite, ambos foram ao casarão. Foi o próprio dono

do bovídeo quem lhes abriu a porta. Depois de conduzir as visitas à sala de estar e acomodá-las, pediu à empregada que fizesse café.

- Seu Galdino, como eu lhe disse hoje cedo, este é o Zeca Tião. Ele conhece um veterinário.

- Oh! Que bênção! – exclamou o outro, erguendo as mãos.

- Sim, eu conheço um bom veterinário. – emendou Zeca Tião – Posso trazê-lo aqui amanhã.

- Perfeito, perfeito... – disse Seu Galdino, esfregando as mãos uma na outra – Pois bem, eu vou lhes mostrar a minha vaquinha... Coitada, ela está anêmica, não come nada...

Então ele os levou até o fundo do casarão, onde havia um quintal. A vaca, agachada sob um inajá, estava amuada.

- Vejam o estado dela, coitada... Já tentei lhe dar capim, cenoura, couve-flor, pepino, agrião, mas ela não come nada, nadinha...

- Mas ela vai ficar bem, Seu Galdino... – asseverou Zeca Tião – O meu amigo veterinário vai curá-la, o senhor vai ver... Ele já curou vários bichos, de todas as formas e tamanhos.

- É mesmo?

- Sim, senhor... Uma vez ele curou uma serpente que mal rastejava...

- Mas uma serpente?

- Sim, uma serpente. Uma jiboia, eu acho... Não me lembro, só sei que era uma serpente.

Seu Galdino e o padeiro entreolharam-se, perplexos. Mas, como Zeca Tião falasse com firmeza, sem gaguejar, o dono da vaca apertou-lhe a mão, confiante.

- Então eu aguardo o seu amigo veterinário. – disse, por fim, soltando a mão do outro.

- O senhor vai me agradecer depois, Seu Galdino... Um veterinário de primeira... O senhor vai ver...

Na manhã seguinte, Zeca Tião tratou de cumprir a segunda parte do seu plano. Intrigado com a vaca, ele estava decidido a revê-la, custasse o que custasse. Por isso, ligou para um veterinário indicado por um amigo seu, que residia noutra cidade, e falou-lhe do estado da vaca. Pouco depois, o médico chegava à casa de Zeca Tião, movido pela urgência do caso.

Ao chegarem no casarão, minutos depois, Seu Galdino levou-os até o quintal, onde a vaca jazia imóvel, como na véspera. O médico aproximou-se dela, com cautela. Examinou os flancos ossudos e os olhos

mortiços do animal. Depois lhe apalpou o chanfro e, com a ajuda dos outros homens, ergueu-a sobre os próprios cascos. Nesse instante, ouviu-se um mugido triste, que se perdeu no ar.

- Ela está muito fraca. – disse o veterinário, apalpando os úberes do animal – Vou aplicar uma injeção nela... Se não melhorar em três dias, podem me chamar.

Aplicada a injeção, o veterinário deu algumas instruções a Seu Galdino antes de se despedir. Nesse ínterim, Zeca Tião notou que a vaca o espiava. Assustado, ele recuou até a porta que dava para o quintal. Mesmo assim, ela não arredava os olhos dele. Seu olhar era triste e profundo, como um olhar humano. Então ele percebeu que um cometa rasgava o céu, naquele instante. Sua trajetória, descendente, tinha a forma de uma parábola e deixava atrás de si um rasto flamejante. Mas bastou ele desviar os olhos do céu para o cometa desaparecer, de repente, com a mesma velocidade com que surgira.

- Vocês viram?

- O quê, Zeca? – indagou Seu Galdino, surpreso.

- O cometa...

- Eu não vi nada.

- Não é possível... Ele acabou de cortar o céu, como um raio...

No dia seguinte, escorado no balcão da padaria, Zeca Tião não deixou de comentar aquilo:

- Eu vi o cometa... Era nítido, com uma cauda longa de fogo...

- Tem certeza disso, Zeca? – indagou o padeiro.

- Absoluta.

- Então por que ninguém mais o viu?

- Porque não podia ver ué! Simples assim. Você não entende? Aquilo foi um sinal... Um sinal que só eu podia ver, só eu e ninguém mais...

- Um sinal?

- Sim, meu caro! Um sinal que eu não compreendi naquele momento, mas que compreendo agora.

- O que significa?

- Uma profecia, talvez. Ainda não está claro para mim, mas me parece um aviso, um mau agouro.

- Um aviso sobre o quê? – o padeiro bocejou longamente.

- A vaca... O problema está na vaca do Seu Galdino... Ela trouxe o mal para esta vila...

- Zeca, você está doido?

- Não é doidice não, homem... É a verdade... Aquela vaca não é uma vaca normal, se é que você me entende... Ontem ela me espiava, eu percebi... Eu me afastei, mas ela continuou me espiando...

- Zeca, você não está bem. Já te disse para não passar a noite lendo romances...

Na semana seguinte, Seu Galdino foi visto na rua com sua vaca, passeando tranquilo. Escorado no balcão da padaria, Zeca Tião não se conteve:

- Valha-me Deus!

- Que foi, Zeca? – perguntou o padeiro.

- Olha lá... O Seu Galdino passeando com a vaca...

- Nossa! Ela está encorpada...

- Nem parece aquela vaca magricela que nós vimos no casarão, na semana passada...

- Graças ao seu amigo veterinário... – ele bateu de leve nas costas do Zeca Tião – Boa indicação, meu amigo!

Zeca Tião estranhou aquela melhora. Não entendia como aquela vaca, antes raquítica, engordara em tão pouco tempo. Não podia ser o efeito da injeção, não podia. Porque a injeção só servia para dar sustância ao bicho, não para engordá-lo. Era só um tônico, não fazia milagres. Disso qualquer um sabia, sem ter necessidade de diploma nem curso superior. Sendo assim, como explicar aquela mudança de peso na vaca? Como isso era possível? Sem achar respostas plausíveis, ele apelava para a tese do sinal:

- Só pode ser o sinal, só pode...

- Esquece isso, homem de Deus... – dizia-lhe o padeiro, entediado.

- Para mim está claro, muito claro! Só pode ser isso... Esta mudança no peso da vaca tem a ver com o sinal...

Com o passar dos dias, a notícia da engorda súbita da vaca espalhou-se. Agora, toda a vila conhecia o bovídeo e seu dono, que saíam às ruas duas vezes por semana. Nos bares, nas escolas, na praça, em toda parte, nenhum assunto era mais falado e debatido que a engorda da vaca, a qual, em menos de cinco dias, passara de uma magreza deplorável a uma obesidade sadia. Sem mais nem menos.

Mas o que o povo não percebia era que a vaca continuava engordando, absorvendo mais peso, mais volume, aos poucos, dia após dia, semana após semana. Não fosse o Zeca Tião, que alertava às pessoas sobre isso, ninguém iria desconfiar de nada.

- Ela está engordando, continua engordando... Pelos meus cálculos, ela engorda cinco ou seis quilos a cada três dias.

- Tem certeza disso, Zeca? – indagava o padeiro.

- Absoluta.

- Por que só você, e mais ninguém, percebe isso?

- Porque só eu devo perceber ué! Simples assim. Esta vaca vai arruinar a nossa vila, eu sinto isso. Eu vi o sinal no céu e, agora, vejo ela engordar depressa, sem motivo, como jamais outra vaca engordou e jamais outra vai engordar neste mundo...

Certa manhã, Zeca Tião bebia seu café na padaria quando viu um caminhão parar na frente do casarão. Em seguida, dois homenzinhos parrudos, entrando e saindo da carreta, passaram a descarregar fardos e mais fardos de capim.

- Agora, nós sabemos por que a vaca do Seu Galdino é tão gorda... – atalhou o padeiro, secando as mãos com um lenço – Olha para isto! É comida para não acabar mais!

Mas Zeca Tião não aceitava essa explicação. Não era possível, não era. Mesmo que comesse tanto capim, que passasse dias engolindo e regurgitando capim, a vaca não podia engordar tão depressa. Isso não fazia sentido. Disso qualquer um sabia, mesmo o padeiro, que, apesar disso, fingia não saber, dando-se por satisfeito com uma explicação tola, sem pé nem cabeça. Assim, Zeca Tião resmungava à toa, inconformado. Depois de meditar muito, sem achar respostas viáveis para o problema, ele tornava a apelar para a tese do sinal, insistindo que a vaca trouxera o mal para a vila.

Mas foi no mês seguinte que o problema se agravou. Falava-se de um bezerro solto na praça, sem mais nem menos, como se fora abandonado. Dois dias depois, viram ali outro bezerro. No final da semana, já eram cinco. Esse número cresceu nos dias seguintes e logo já se viam bezerros e mais bezerros por toda parte. Os bichos, dispersos ou em bandos, percorriam toda a vila, passando de uma rua à outra, juntando-se aos cães sem dono, às crianças que lhes chamavam para brincar.

No início, não ousavam entrar nas bodegas, mas as espiavam de longe, acanhados. Ficavam assim parados, agachados no meio da rua durante horas, fascinados com a vida humana que borbulhava à sua volta. Mas, devagarzinho, foram-se habituando, perdendo a timidez, chegando mais perto das vendas, deixando-se alisar pelos fregueses, que lhes achavam bonitos e mansos. Por isso, os comerciantes já não

se importavam com a intromissão dos bichos, que frequentavam tranquilos suas bodegas, apesar da morrinha que exalavam. Também havia bezerros dentro das casas, ora saindo, ora entrando portas adentro, sem serem incomodados por ninguém. Se alguém se atrevia a enxotar um deles, logo era cercado pelos vizinhos e denunciado à polícia.

Contudo, uma dúvida afligia o delegado, como um ferrão: como uma única vaca podia ter parido tantos bezerros em tão curto tempo? Já existiam mais de cem deles por toda a vila (mais precisamente, cento de vinte e dois, segundo a contagem da polícia). Além do mais, como a vaca engravidara, se não havia ali um único boi com quem ela pudesse cruzar? A essas perguntas tentou respondê-las Seu Galdino, que fora chamado à delegacia.

- Delegado, a minha vaca foi inseminada.
- Quem fez a inseminação? – inquiriu o delegado.
- O veterinário que contratei no mês passado.
- Entendi. O senhor está dispensado.

Não demorou para que esse breve diálogo fosse conhecido por toda a vila. Nos bares, nas escolas, na praça, enfim, em toda parte, não se falava noutra coisa a não ser na conversa do Seu Galdino com o delegado.

Mas Zeca Tião não aceitava a resposta do Seu Galdino. Não era uma explicação coerente. Não, não era. Ele sabia muito bem que nenhuma vaca pode parir uma centena de bezerros – nem nesta nem na outra vida, se é que as vacas podem subsistir na eternidade. E agora? Como explicar o absurdo daquela prole de bezerros que vinha em ninhadas, infestando toda a vila, como se não fosse acabar nunca?

Isso fez Zeca Tião apelar, mais uma vez, para o mistério do sinal que vira no céu. Desta vez, porém, ele não falaria só com o padeiro, mas iria à praça, aos bares, às escolas. Sentia o dever de anunciar a todos o sinal e o que ele significava, ou parecia significar: que aquela vaca e sua prole haviam trazido o mal para a vila.

Antes de iniciar sua cruzada, Zeca Tião decidiu ir à cidade vizinha. Por não saber como se dirigir ao povo, quis pedir ajuda a um amigo seu, professor de oratória. Talvez pudesse trazê-lo à vila, ou aprender com ele algumas técnicas que lhe iriam ajudar a persuadir seus ouvintes. Na manhã seguinte, o carro dele, vomitando poeira, ganhou o caminho que o levaria à pequena Belo Monte, onde residia o professor.

Quando fazia o trajeto de volta, à noite, Zeca Tião avistou um bezerro no meio da estrada. Atônito, ele pisou no freio, bruscamente, fazendo

o volante girar para a esquerda. Depois o carro avançou na direção do meio-fio e mergulhou numa ribanceira, chocando-se nos arbustos e nos seixos até se perder lá embaixo, no fundo do abismo, onde explodiu.

O corpo foi achado alguns dias depois, comprimido nas ferragens do que restara do veículo. A notícia da morte súbita de Zeca Tião logo se espalhou pela vila, comovendo a todos. Não se falava noutra coisa nos bares, nas escolas, na praça, na padaria onde ele costumava tomar café todo dia, bem cedo. Como o defunto não tivesse parentes na vila, o padeiro encarregou-se de cuidar do enterro. Este foi marcado para uma terça-feira, às oito da manhã (aliás, uma manhã triste e cinzenta). No cemitério compareceu muita gente, incluindo o Seu Galdino, o padeiro e alguns amigos do morto.

Depois que o padre rezou a missa, bendizendo o morto e entregando-o nas mãos de Deus, duas mulheres de xale preto, carpindo-se, puseram flores sobre o túmulo. Aos poucos, o ajuntamento no cemitério foi diminuindo, diminuindo, até que só restou ali o padeiro. Este percebeu, então, que algo se aproximava. Olhou para a frente e divisou um animal corpulento que acabava de cruzar o portão do cemitério, cujas folhas, enegrecidas, estavam escancaradas.

O bicho vinha na sua direção, lentamente, arrastando no pó da terra os úberes, que lhe pesavam. Por fim, a claridade revelou ao padeiro que ser era aquele: a vaca do Seu Galdino. Ela estava ali, a alguns passos dele. A vaca estava ali, e ele não sabia o porquê. Será que veio espiar o defunto? Esse pensamento o assustou e, benzendo-se, ele recuou para trás, para mais perto da cova. Mas, quando ergueu os olhos e juntou as mãos, na intenção de rezar, viu um raio cortar o céu, fulgurante. Sua trajetória, como uma parábola, perdia-se no horizonte, deixando atrás de si um rasto de luz.

Idália



Após a morte do pai, Idália herdou toda a fortuna da casa. Uma herança polpuda, que tantas gerações de proprietários – donos de engenhos, de cafezais, de indústrias – souberam engordar com seu capital. Solteira, 31 anos, Idália não tinha tino para os negócios. Nunca tivera. Gostava mesmo de crianças e, por muito tempo, sonhara com o matrimônio, mas acabou desistindo disso.

Você se perguntará: “Mas por que ela desistiu, se ainda era jovem e podia muito bem arranjar marido?” Mas aí é que está a fonte de tudo, a raiz desta história que eu vou narrar. Você pode duvidar dela, com todo direito, porque duvidar é humano, mas não a pode desmentir.

Idália não sabia que rumo dar à sua vida até conhecer uma triste mulher, mãe de dois recém-nascidos. Desamparada, essa infeliz mal podia cuidar dos filhinhos, que eram gêmeos, nascidos quase ao mesmo tempo. Fora enjeitada pelo noivo depois de ficar grávida e, agora, não tinha meios para cuidar dos filhos, já que sua mãe, a única pessoa que lhe ajudava, falecera há pouco tempo.

Compungida com esse drama, Idália acabou adotando os pequenos gêmeos. Batizou-lhes de João e Mateus. Gostava desses nomes, pois lhes faziam lembrar os evangelistas chamados assim. Idália amava-os, calorosamente, e sentia-se mãe deles. Não a mãe progenitora, que só faz por os filhos no mundo, mas a mãe concreta, real, a mãe de carne e osso que põe os nenês no colo e fá-los dormir, toda noite, com belas cantigas de ninar.

Mas ela sentia que isso não era suficiente. Queria mais. Sentia-se aflita ao ver tantas crianças enjeitadas naquela cidade. Eram criancinhas, muitas recém-nascidas, que as mães largavam na beira do rio, na soleira das casas, nos monturos de lixo ou, na melhor das hipóteses, na roda dos expostos, para que as freiras cuidassem delas. Apesar disso, ela não culpava essas mães. Não as culpava, pois sabia o que era ser mulher naquele lugar. Ali a mulher não era ouvida, mas reprimida desde a infância. Não tinha voz, não tinha direitos, não tinha escolhas. Um acabavam desencaminhando-se, tornando-se pistoleiras. Outras se casavam na esperança de mudar de vida, mas logo vinham as decepções, os maltratos, as queixas dos maridos. Sem falar naquelas que acabavam desamparadas, com filhos para criar, sem po-